



SUSTENTABILIDADE INDUSTRIAL



Confederação Nacional da Indústria

CNI. A FORÇA DO BRASIL INDÚSTRIA

Compartilhando e fazendo a diferença

Boyd Cohen abriu a 5ª edição dos Encontros CNI Sustentabilidade 2016 falando de empreendedorismo e inovação nas cidades do século XXI

O pesquisador norte americano Boyd Cohen é fascinado por cidades. Há alguns anos vem se debruçando sobre o tema *Smart Cities* (cidades inteligentes) para o qual até criou uma ferramenta de sustentabilidade. Cohen é um especialista que fala com propriedade do assunto, afinal morou em diversos centros urbanos na América do Norte, América do Sul e Europa.

A sua instigação é pertinente. Acreditando-se ou não em mudanças climáticas, a economia de baixo carbono oferece oportunidades de negócios. As opções são inúmeras: desde a melhoria da eficiência energética à redução de emissões de gases de efeito estufa ou iniciativas de economia compartilhada.

Empresas e cidades comprovam que é possível estimular negócios, mitigar os efeitos climáticos e promover a qualidade de vida de milhões de pessoas. As projeções demográficas apontam que até 2050 o número de residentes em áreas urbanas alcançará o índice de 70%, em relação à população global. Hoje, por exemplo, até dois terços do consumo mundial de energia ocorre nas cidades e a emissão de gases de efeito estufa nas áreas urbanas computa de 50% até 70% do total emitido.

Cohen acredita que as ações de adaptação e mitigação, em mudanças climáticas, oferecem oportunidades de negócios inovadoras para o futuro sustentável das cidades. A seguir alguns dos exemplos que ele ilustrou na abertura do 5º Encontro do CNI Sustentabilidade.

Em 2007, ao lançar o programa de economia compartilhada para bicicleta, o prefeito de Paris assumiu um grande desafio e enfrentou sérias críticas. A capital francesa foi uma das cidades pioneiras em adotar um esquema de mobilidade urbana que resolvia problemas como os congestionamentos de trânsito e a má qualidade do ar. Foram necessários alguns anos para que o programa se tornasse

Editorial

O 5º Encontro do CNI Sustentabilidade, realizado na cidade do Rio de Janeiro em 22 de setembro, concluiu um ciclo de debates iniciado na Rio+20 (2012). Naquele ano cerca de 1.200 empresários reuniram-se no 1º Encontro sobre sustentabilidade na indústria brasileira. Ao longo desses cinco anos promovemos a participação de especialistas nacionais e internacionais, empresários, agências multilaterais e autoridades para compartilharem experiências e opiniões sobre a agenda sustentável da indústria. Da gestão de recursos hídricos aos mercados de água, das impressões em 3D ao Ecodesign, do fomento à uma economia de baixo carbono ao papel do mercado na valorização da biodiversidade e florestas, a GEMAS promoveu encontros que promoveram visões de negócios e disseminaram tendências inovadoras. O diálogo é nosso caminho e acreditamos que nossos esforços já estejam rendendo frutos. Nos últimos cinco anos mais da metade das federações de indústria criaram seus conselhos de meio ambiente, atendendo às problemáticas regionais. Agradecemos a todos que nos apoiaram e continuam nos seguindo nesta jornada. E aproveitamos para convidá-los a trabalharmos juntos em 2017. Boas festas a todos!

Shelley de Souza Carneiro
Gerente Executivo da GEMAS

(continua)



Citibike é o sistema privado de economia compartilhada de bicicletas em Nova Iorque

viável do ponto de vista financeiro, mas o sucesso alcançado é indiscutível. De lá pra cá a iniciativa foi replicada em cidades como Xangai, Montreal, Barcelona, Nova Iorque e São Paulo. Recentemente, Paris iniciou uma nova fase de testes para o compartilhamento de carros e motocicletas elétricos. Já no Canadá, por ocasião dos Jogos de Inverno de 2010, a cidade de Vancouver lançou uma iniciativa que provoca, até hoje, perplexidade. As autoridades escolheram um terreno de resíduos industriais abandonado e o destinaram à construção da vila olímpica dos atletas. Uma das exigências à empreiteira foi que, após o término dos jogos, 30% das propriedades fossem destinadas a moradores de baixa renda. Apesar de ser um complexo imobiliário de luxo a convivência entre classes sociais com diferentes poder aquisitivo provou ser viável. Os benefícios de melhor qualidade de vida nas cidades têm de promover o bem estar social para todos.

Não é apenas a gestão pública que transforma, segundo Cohen. A Walmart, multinacional americana do setor de varejo, melhorou a eficiência energética de sua frota global de veículos, o que gerou uma economia de 1 bilhão de dólares em apenas um ano do projeto. Ela repetiu a mesma façanha ao reformar mais de 11 mil lojas, situadas nos 28 países onde opera, aplicando os critérios de construção e design do programa LEED (*Lead in Energy and Environmental Design*).

No setor da produção de alimentos algumas redes de supermercado estão cultivando hortaliças e vegetais nas estufas de seus telhados verdes. Ao reduzir as emissões de gases de efeito estufa com

o transporte de alimentos, diminuem-se os custos com o intermediário, melhora-se a qualidade final do produto. A proposta é uma ação de mitigação do clima, inovação e transformação urbana e cultural que agrada a muitos consumidores nos grandes centros urbanos.

A mensagem é clara. As cidades sustentáveis ou inteligentes são um dos maiores desafios do século XXI, sobretudo em relação às mudanças climáticas, governança e sustentabilidade. O leque de oportunidades para promover inovação e sustentabilidade nas cidades é vasto, abrangendo desde habitação, mobilidade urbana e gestão de resíduos, até o lazer. Segundo estimativas do WWF (*World Wildlife Fund*) o crescimento da população mundial até 2025 será superior a 4,1% em cidades de porte médio com até um milhão de habitantes.

Especialistas apontam dois fatores chave para o desenvolvimento urbano sustentável: governança e planejamento. Afinal, sustentabilidade pressupõe diálogo entre diversos atores (governo, *business*, sociedade civil e academia), ao mesmo tempo em que projetos e iniciativas requerem planejamento a longo prazo. É o próprio Cohen quem afirma que para implementar algumas das iniciativas apresentadas “é a inovação e o empreendedorismo que fazem toda a diferença”.

Mais informações sobre o 5º Encontro CNI Sustentabilidade 2016:

<http://www.portaldaindustria.com.br/cni/canal/cnisustentabilidade-home/>



Boyd Cohen na abertura do 5º Encontro CNI Sustentabilidade (22/9/2016)

Sabia que...

Segundo o Programa das Nações Unidas para Assentamentos Humanos (ONU-Habitat), atualmente mais de 50% da população mundial vive em cidades. As projeções apontam que, até 2050, a população urbana deverá crescer em 2,5 bilhões de pessoas, ampliando de 50% para 70% o índice global. A América Latina e o Caribe são as regiões mais urbanizadas do mundo, apesar de não serem as mais povoadas em proporções territoriais. Metade de sua população urbana vive em cidades com menos de 500 mil habitantes e 14% em megacidades como São Paulo e Cidade do México. Em termos globais, até 2020, 90% do crescimento urbano será na Ásia e na África, enquanto a Europa contará com um acréscimo de 80%. Aumentos populacionais inflacionam a demanda por recursos naturais, energia, habitação, transporte e infraestrutura nas cidades, além de agravarem problemas ambientais e desigualdades ou conflitos sociais. Transformar regiões metropolitanas em cidades sustentáveis e resilientes às mudanças climáticas e catástrofes “naturais” já é um dos maiores desafios do século XXI.



São Paulo é a maior aglomeração urbana da América Latina

Conselhos de Meio Ambiente e Sustentabilidade (COEMAS)

► NACIONAL

2º Encontro Nacional dos COEMAS - Sofitel Copacabana - Rio de Janeiro, 21/9/2016

Por ocasião do CNI Sustentabilidade, realizado na cidade do Rio de Janeiro, em 22 de setembro, a GEMAS convocou os conselheiros a participarem do 2º Encontro Nacional dos COEMAS. Os presentes foram unânimes em qualificar os conselhos como um fórum importante para debater temas políticos e estratégicos para o setor industrial. O apoio técnico da GEMAS tem sido essencial neste processo e as recomendações da presidência do COEMA foram para as federações continuarem estimulando articulações regionais, aproximação com o Ministério Público e setores do governo. O painel principal focou em Economia Circular e contou com a presença da representante da *Ellen Macarthur Foundation*, Luisa Santiago, e do consultor holandês Dowue Joustra. O professor da Universidade de Brasília, Jorge Nogueira, observou que negligenciar a relação entre as diferentes políticas públicas, é ineficaz para as ações ambientais em uma economia linear. Durante a reunião foram assinados dois acordos de cooperação técnica: i) Recursos Hídricos entre a Confederação Nacional da Indústria (CNI), Agência Nacional de Água (ANA) e o Ministério de Desenvolvimento Indústria e Comércio (MDIC); ii) Produção e Consumo Sustentáveis entre CNI, Ministério do Meio Ambiente (MMA) e MDIC. Ao término do encontro houve um coquetel de confraternização.

Regionais

► NORDESTE

CNI-Brasília, 11/11/2016

A “Agenda Nordeste 2030 - Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável”, projeto do Tribunal de Contas da União (TCU), foi o destaque da reunião em Brasília e contou com a presença do coordenador Geral de Controle Externo da Área Social e da Região Nordeste, Marcelo Barros Gomes, e de técnicos das secretarias regionais do TCU. Como entraves ao desenvolvimento sustentável do Nordeste a auditoria do TCU identificou fatores como a concentração de operações

de crédito no Sul e Sudeste do país, além da baixa governança e a eficácia das políticas públicas na região. O órgão apoia maior governança pública, fortalecimento do controle social e uma relação mais estreita com as instituições. A reunião foi um marco nesse sentido e confirmou que o diálogo público entre TCU e a indústria regional tem um longo caminho a seguir. Conselheiros e empresários das federações nordestinas aproveitaram para levantar questões como a descontinuidade de programas do governo, obras de infraestrutura e a necessidade de maior interação e diálogo entre o setor empresarial e o TCU. O secretário nacional de Articulação Social da Presidência, Henrique Villa da Costa Ferreira, comentou sobre o decreto nº 8892/2016, que cria a Comissão Nacional para os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS). Ele identificou cinco objetivos, cujo alcance está diretamente relacionado com a indústria. São eles os de número 1, 2, 8, 12, 17 (ver quadro ODS). A reunião contou com dois painéis sobre: i) a participação do setor financeiro no planejamento e desenvolvimento de projetos que afetam diretamente os empresários e a Regulação Socioambiental do Banco Central pelo representante da Federação Brasileira de Bancos (FEBRABAN) e ii) uma análise da incorporação dos riscos socioambientais nos negócios pela Conta 10 Consultoria.



► CENTRO NORTE

FIEPA-Belém, 28/10/2016

Os temas centrais da reunião foram “Empreendedorismo Sustentável na Amazônia” e “O Futuro da Indústria Florestal na Amazônia”. Estiveram presentes à abertura o Secretário de Meio Ambiente de Belém, Deryck Martins, o Secretário Adjunto de Gestão dos Recursos Hídricos do Estado do Pará, Ronaldo Lima, e a Coordenadora de Gestão Ambiental do Programa Municípios Verdes, Julianne Moutinho. Para discussão do primeiro tema, a diretora do Fundo Vale, Patrícia Daros, apresentou a nova estratégia para negócios sustentáveis, cujos resultados indicam melhoras no sistema de monitoramento estratégico da Amazônia e na criação de iniciativas e programas de “municípios verdes” em vários estados. Um dos pontos altos do dia foi a apresentação do diretor executivo da Fundação CERTI (Centro de Referência em Tecnologias Inovadoras), Marcos Da Ré, que abordou a temática “Ecossistemas de Inovação Criando Valor Compartilhado” e defendeu a competitividade ambiental como oportunidade de revolução tecnológica, seguindo as tendências da indústria 4.0. No segundo painel, foram apontados como desafios para o desenvolvimento de uma



Abertura da 22ª reunião do COEMA Centro Norte em Belém

indústria florestal na Amazônia, a necessidade de incentivo ao manejo florestal sustentável e de apoio às cadeias produtivas sustentáveis. Participaram do segundo painel a diretora de Uso Sustentável da Biodiversidade e Florestas do Ibama, Ana Alice de Marques, e o diretor substituto, André Sócrates Teixeira, além do presidente da Associação das Indústrias Exportadoras de Madeira do Estado do Pará (Aimex), Roberto Pupo.

A COP 22 e o processo negociador para a regulamentação do Acordo de Paris

O Acordo de Paris estabelecido na Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, adotado na COP 21, entrou em vigor em 4 de novembro de 2016. Nesse contexto 114 dos 193 países que assinaram o Acordo realizaram sua ratificação. Neste clima de euforia, a COP 22 ocorrida em Marrakech, de 7 a 18 de novembro de 2016, com a participação de mais de 50.000 pessoas, teve como principal objetivo estabelecer o chamado “livro de regras” para o cumprimento do Acordo, sobretudo aquelas ligadas às formas de implementação. No entanto, apesar do rápido avanço do processo ratificador, o

mesmo não foi evidenciado para as negociações internacionais. Como pontos fortes das discussões da COP 22 cabe ressaltar a formação do grupo de trabalho para regulamentação do Acordo de Paris e o prazo (dezembro de 2018), a proposição de agenda de trabalho voltada para os mecanismos de financiamento da Convenção, as regras de transição do Mecanismo de Desenvolvimento Limpo – MDL para o Mecanismo de Desenvolvimento Sustentável – MDS, adaptação às mudanças climáticas, a inclusão do mercado de carbono para o setor de aviação estabelecido pela *International Civil Aviation Organization* (ICAO) nas prioridades do Acordo de Paris e o engajamento dos países para o contínuo combate às mudanças climáticas, por meio da publicação do documento “*Marrakech Partnership for Global Climate Action*”. Na COP 22, o Brasil contou com uma delegação formada por 271 pessoas, das quais 84 estavam ligadas ao governo e 187 à sociedade civil. No “Espaço Brasil”, ponto focal da delegação brasileira, foram realizados 45 eventos que mostraram a transversalidade da agenda climática. Destacaram-se: o lançamento da **Plataforma Biofuture**, uma coalizão de países no campo das energias renováveis e da bioeconomia que propõe divulgar e fomentar soluções emergentes em biocombustíveis gerados a partir de resíduos agrícolas; **diálogos sobre precificação de carbono e reuniões do Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas**, agora sob coordenação do novo secretário executivo, Alfredo Sirkis. A CNI acompanhou e se fez presente nas negociações internacionais em Marrakesh por meio dos integrantes da Rede Clima da Indústria Brasileira e dos Conselhos Temáticos de Meio Ambiente e Sustentabilidade (COEMAS). Na pré-fase da COP22 a instituição coordenou a elaboração de dois documentos contendo as contribuições da indústria brasileira ao governo, além de realizar reuniões com os principais atores do governo da agenda climática e participar da adesão ao documento “Marrakech Declaration”, via articulação internacional de suas contrapartes. Se por um lado a médio e longo prazos há oportunidades de inovação, desenvolvimento de tecnologia e geração de novos negócios, a partir da regulamentação do Acordo de Paris há necessidade da indústria ter foco para trabalhar na agenda climática, principalmente no âmbito nacional e no curto prazo. Algumas iniciativas do governo brasileiro merecem especial acompanhamento por parte do setor industrial: **projeto PMR - Partnership for Market Readiness** - iniciativa do Ministério da Fazenda com apoio do Banco Mundial, para estudar os efeitos dos instrumentos de precificação de carbono na competitividade da economia; **planos para desdobramentos dos compromissos brasileiro de redução de emissões de Gases de Efeito Estufa (NDC)** - iniciativa do Ministério do Meio Ambiente (MMA) com apoio do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Em ambas iniciativas, o campo industrial está envolvido, *a priori*, com os sete setores regulados pelo Plano Indústria: siderurgia, químico, vidro, cimento, cal, papel e celulose e alumínio.



MARRAKECH COP22 | CMP12 | CMA1
UN CLIMATE CHANGE CONFERENCE 2016
مؤتمر الأمم المتحدة لتغير المناخ

Caminhos para o desenvolvimento florestal no Brasil

Fernando Castanheira Neto*

No Brasil, e na maioria dos países, o uso dos recursos florestais é considerado como uma estratégia de conservação. Não por acaso, o incremento no uso de produtos e serviços florestais está previsto em diversos acordos internacionais, incluindo o Acordo de Paris, que visa fortalecer a resposta global à ameaça da mudança do clima.

Por ser o detentor da maior floresta tropical do planeta e possuir as melhores condições para cultivo de árvores, com disponibilidade de terras e com solo e clima favoráveis, o Brasil se destaca no que diz respeito ao potencial de uso dos recursos florestais. Não aproveitarmos nosso patrimônio florestal e nosso potencial na área em favor de nossa sociedade seria jogar fora toda a lógica do conceito de desenvolvimento sustentável.

A atividade florestal contempla da base de oferta do recurso natural (floresta) a toda a demanda vinculada à sua cadeia de produção. Essa cadeia é extensa e bastante diversificada, incluindo diversas atividades produtivas fundamentais para o desenvolvimento da nossa sociedade, gerando emprego e renda e possibilitando o desenvolvimento regional.

O mercado mundial de produtos florestais, representado pelo valor total das exportações dos países, segundo dados da FAO (2016), foi de aproximadamente 230 bilhões de dólares em 2015, e o Brasil participou com pouco mais de 3% desse

mercado. Apesar da nossa expressão florestal, ainda não conseguimos traduzir todas essas vantagens comparativas em vantagens competitivas. Parte da explicação para esse fato está no foco da nossa política florestal, voltada apenas para a floresta (oferta), com pouca ou nenhuma interface com o restante da cadeia produtiva (demanda).

As exportações de produtos florestais são significativas no cômputo geral da economia brasileira, representando, em 2015, mais de US\$ 10 bilhões, com saldo positivo da ordem de US\$ 4,9 bilhões na balança comercial (exportações-importações). Apesar de ser um número relevante, é pouco quando analisamos o nosso potencial. Há espaços importantes de crescimento, principalmente em segmentos como energia, habitação, indústria química e de alimentos, que propiciam maior agregação de valor e que não estão sendo apropriados adequadamente pelo setor. Isso é provocado, boa parte, por resistências em relação ao uso de produtos florestais, que distanciam a sociedade dos benefícios decorrentes do uso desses recursos e da carência de maior integração entre os elos da cadeia. Perdemos espaço em relação aos demais países desenvolvidos que utilizam intensivamente suas florestas e dominam esse mercado.

O país vem tendo ação de protagonismo no âmbito das discussões internacionais relativas à conservação da biodiversidade e às mudanças climáticas, mas os compromissos nacionais, pelo menos no que tange à questão florestal, ainda não passam de retórica. O cenário atual da atividade florestal no país não reflete de maneira alguma seu potencial.

O papel do planejamento é fundamental se quisermos estabelecer uma economia de base florestal integrada ao desenvolvimento do país. Daí a importância de discutirmos esse tema justamente no âmbito da indústria, pois ela pode atuar como catalisador de um processo de construção de uma rota de convergência entre interesses diversos, gerando um processo de fortalecimento de um projeto nacional que estimule o uso dos recursos florestais num ambiente de economia baseada na sustentabilidade ambiental e redução dos efeitos das mudanças climáticas.



*Fernando Castanheira Neto é engenheiro florestal e doutorando em Ciências Florestais pela Universidade de Brasília. Atuou em diversos cargos no governo federal e em entidades de representação do setor privado florestal.

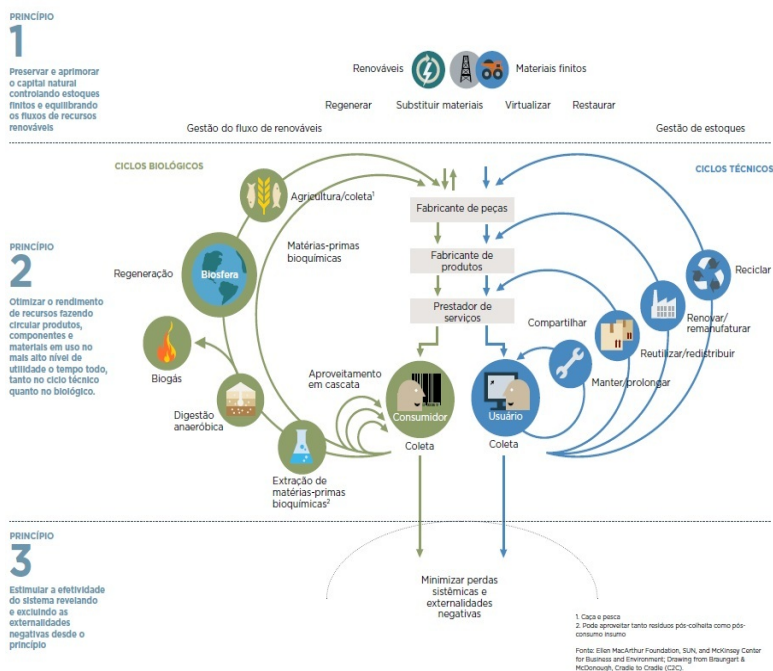
Economia Circular

O assunto “Economia Circular” começou a ser explorado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) na 3ª Edição do “Encontros CNI Sustentabilidade”, em 2014, que teve como tema “Resíduos Sólidos: Inovações e Tendências para a Sustentabilidade”. Nesta oportunidade foi possível relacionar a economia circular com outros assuntos debatidos no encontro, como: requalificação e valorização energética de resíduos, logística reversa, simbiose industrial, produção mais limpa, eco design, impressão 3D, entre outros.

Um dos pontos estratégicos abordados foi a importância de ter conhecimento sobre os fluxos de materiais/recursos dentro de nossa sociedade. O pensamento de ciclo de vida, onde temos como perspectiva a extração, a produção, o uso e a destinação final do produto, traz consigo uma visão mais ampla dos custos e benefícios atrelado aos produtos e serviços. Esta visão sistêmica possibilita a utilização mais eficiente e efetiva das matérias-primas e subprodutos utilizados/gerados por nossa sociedade.

Neste contexto é importante vislumbrar as novas oportunidades de negócios que surgem com esta abordagem, para que sejamos capazes de fechar os ciclos técnicos e biológicos (ver FIGURA). Hoje em dia a reciclagem tem tido um papel de destaque como uma das soluções para minimizar os desperdícios de materiais. Mas é importante pensar além, e de forma sistêmica, levando em consideração desde o design inicial dos produtos, passando pelo compartilhamento, manutenção, reutilização, remanufatura, reciclagem, até a possível valorização energética do material.

O contrato por performance começa a aparecer como uma forma de viabilizar e estimular o fluxo circular, substituindo em alguns casos as formas tradicionais de compra e venda de produtos. O exemplo da mudança no mercado que aconteceu com as máquinas de impressão e copiadora, onde o cliente paga pelo serviço e não pela máquina, que já acontece a algum tempo no ambiente empresarial, pode se tornar cada vez mais comum para outros setores.



O setor automobilístico, por sua vez, está enxergando a necessidade de se reinventar para adequar seus modelos de negócios ao compartilhamento dos automóveis. Em pesquisa feita pela Ellen MacArthur Foundation e McKinsey foi constatado que os carros ficam parados 92% em seu tempo de vida útil. Esta informação mostra um potencial para que o setor melhore a eficiência no uso de seus produtos, e construa novas relações com seus clientes, tendo como foco a função principal de seu produto, neste caso a mobilidade.

O consumo sustentável também começa a ganhar espaço nos mercados. A imagem das empresas e sua relação com assuntos importantes para a sociedade, como: direitos humanos, meio ambiente e benefícios econômicos locais, estão entrando na análise estratégica de risco das empresas. Os consumidores conectados pela tecnologia digital, tem cada vez mais capacidade de denegrir ou valorizar a imagem das empresas.

O uso da tecnologia digital é muito amplo e possibilita novos tipos de interação também nos processos produtivos. A 4ª revolução industrial, também chamada de indústria 4.0 ou manufatura avançada, traz uma nova variável para a competitividade e produtividade nos mercados globais. Esta nova revolução otimiza processos, reduz os desperdícios de recursos e tempo, e alavanca as ideias propostas pela economia circular.

Economia Circular

Por Shelley Carneiro

“A mudança de um modelo mental linear para um circular interfere em diversos aspectos na forma como produzimos e consumimos em nossa sociedade. O conceito de Economia Circular aponta para esta mudança, e pode trazer oportunidades para a criação de novos empreendimentos e revisão dos modelos de negócios atuais. A busca pela sustentabilidade evidencia a necessidade de criação de novas cadeias produtivas, que possam promover o uso mais eficiente dos recursos em nossa sociedade, com o objetivo de evitar desperdícios e promover a qualidade de vida. Neste sentido, é necessário revermos regulamentações, linhas de financiamento e promovermos negócios mais sustentáveis, para que o conceito de economia circular possa sair do papel e virar realidade.”

PEGADAS SUSTENTÁVEIS

- A **123ª reunião do CONAMA** (Brasília, 9/11/2016) discutiu a proposta de resolução sobre licenciamento ambiental de empreendimentos ferroviários de baixo potencial de impacto ambiental e a regularização dos empreendimentos em operação. A sociedade civil solicitou pedido de vistas.
- O **PL 3729/04** que trata dos procedimentos do licenciamento ambiental permanece na pauta do plenário da Câmara dos Deputados; a Casa Civil está coordenando a elaboração de proposta a ser apresentada ao Congresso Nacional, tendo como base o texto apresentado pelo MMA/IBAMA.
- O projeto **AdaptaClima** (MMA) tem como objetivo construir a plataforma para repositório de dados e troca de informações sobre adaptação às mudanças climáticas. CNI participou de reunião (São Paulo, 6/10/2016) visando dar andamento a análise da estrutura da base de dados.
- CNI participa no **Diálogo Político** sobre instrumentos econômicos e investimentos em infraestrutura OECD (Brasília, 28/9/2016) e elabora documento de posicionamento do setor industrial, construído no âmbito da Rede de Recursos Hídricos da Indústria entregue à ANA/OCDE.
- O projeto **Avaliação de Estratégias Internacionais para Combate à Mudança do Clima** e seus impactos sobre a competitividade do setor industrial brasileiro é um piloto desenhado para avaliar os impactos das regulações internacionais sobre mudanças climáticas na competitividade das exportações e importações do setor industrial brasileiro.
- O estudo **Implicações da COP21 para o Setor Elétrico** é uma parceria das Gerências Executivas da CNI de Infraestrutura Meio Ambiente e Sustentabilidade (INFRA-GEMAS). Consiste na avaliação da medida proposta pelo Brasil na COP 21 (INDC): *expandir o uso doméstico de fontes de energia não fóssil, aumentando a parcela de energias renováveis (além da energia hídrica) no fornecimento de energia elétrica para ao menos 23% até 2030, inclusive pelo aumento da participação de eólica, biomassa e solar.*
- A CNI participou do **“Seminário sobre comércio, os custos de transporte e a emissão de gases de efeito estufa pelo transporte marítimo no Brasil”**, realizado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em parceria com a *UCL Energy Institute* do Reino Unido (Rio de Janeiro, 8/11/2016). O seminário foi composto por três painéis de debate que apresentaram: i) um panorama do processo de comercialização internacional do Brasil com alguns países via transporte marítimo, em especial os Estados Unidos; ii) as possibilidades para redução das emissões de GEE, com foco nos combustíveis e na taxação de emissões de GEE ; iii) as soluções para superar os desafios.





- CNI apoiou institucionalmente o workshop **Finanças Sustentáveis no Setor de Recursos Hídricos** organizado pelo **2030 Water Resource Group e DOW Brasil** (São Paulo, 11/11/2016) com ênfase em: i) finanças sustentáveis em recursos hídricos, reuso e reciclagem da água; ii) financiamento sustentável de Infraestrutura e risco climático ; iii) financiamento para secas e enchentes
- CNI participa de **Brazilian Finnish Workshop – finding solutions for urban resilience to nature's challenges** (São Paulo, 28/11/2016). O evento foi organizado pelo *Finnish Funding Agency for Innovation*, em parceria com a FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) para promover colaborações em pesquisa, entre a Finlândia e o Estado de São Paulo em temas como resiliência urbana e desastres naturais.
- Durante a Conferência das Partes sobre o Clima (**COP22**) realizada em Marrakesh, no Marrocos, houve um dia dedicado às cidades chamado Dia de Ação em Cidades e Assentamentos Urbanos, em que se destacou a necessidade de promover iniciativas “verdes” nas cidades para garantir a implementação do Acordo de Paris.
- Confira mais informações na página da ONU Brasil:
<http://nacoesunidas.org/em-declaracao-final-da-cop22-paises-prometem-avancar-na-implementacao-do-acordo-de-paris/>
- A **EXTRANET**- ferramenta de comunicação da GEMAS - está disponível para conselheiros dos COEMAS e membros das Redes da GEMAS já cadastrados. Confirmam notícias, links e documentos de seu interesse no endereço: <http://extranet.sistemaindustria.org.br>



Veja mais

Conheça o que a CNI pensa sobre a sustentabilidade na indústria do nosso país: www.cnisustentabilidade.com.br